

Parque da Fonte Grande & Gruta da Onça em Vitória - ES: história, preservação e conservação

Luciana Nemer

Professora Doutora, UFF, Brasil
luciananemerdiniz@gmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta a história do Parque da Fonte Grande e da Gruta da Onça em Vitória, estado do Espírito Santo, relatando suas: histórias, criações e ações de preservação e conservação. A pesquisa chega aos dias atuais descrevendo seus usos e finalidades. O texto, também, aborda como ocorreu o processo de criação dos Parques Nacionais. Na metodologia se destacam as consultas em fontes secundárias (livros, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso), também foram examinados documentos municipais e federais, além as pesquisas iconográficas e cartográficas realizadas no Arquivo Municipal de Vitória e também as idas a campo com entrevistas. Os resultados descrevem a evolução de ambos, suas funções, intervenções e participações na vida da cidade. As conclusões destacam o quanto os parques, como elementos geográficos, atribuíram desafios, beleza cênica e despertaram a população e os governos estadual e municipal para ações de educação ambiental, valorização e preservação do patrimônio paisagístico natural.

PALAVRAS-CHAVE: Parque da Fonte Grande. Parque da Gruta da Onça. Preservação do Patrimônio Paisagístico.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se iniciou no ano de 2020 como desdobramento do trabalho sobre espaços de lazer no município de Vitória – ES, em especial na região hoje conhecida como Centro Histórico. A capital capixaba teve seu desenvolvimento, de maneira natural, realizado a partir do Centro, com direcionamento horizontal em função da limitação entre o mar e o Grande Maciço, este conhecido como Parque Estadual da Fonte Grande.

O parque está localizado no "coração" do Maciço Central da cidade. Conforme a Prefeitura municipal de Vitória (PMV, 2022b), é um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica protegida por lei em área urbana do país e ocupa uma área de 218,00 hectares, com cobertura vegetal predominante de floresta secundária de Mata Atlântica. Na figura 1 é a área verde na região insular da capital, vizinho aos bairros do Centro, Santa Tereza e São José.

Por circundar a área altamente acidentada, com vales e pontões, declividades acentuadas, a cidade apresenta, desde a sua fundação, particularidades no seu sítio físico, em que a estreita faixa de terra entre a montanha e o mar davam a malha urbana uma característica longilínea. No século XX, para Klug, foram os sucessivos aterros que permitiram a implantação de vias marginais ao mar de forma não atravessar a área já adensada do centro e ao mesmo tempo permitir a ligação com os novos bairros residenciais que se formavam a leste da ilha. (KLUG, 2009).

Ademais à especificidade topográfica, a área apresenta características geográficas com “representantes da floresta original como árvores centenárias, vegetação rupestre, encontrada nos afloramentos rochosos, e uma fauna variada, composta de répteis, anfíbios, invertebrados, pequenos mamíferos e aves.” (PMV, 2022b).

Para além da beleza paisagística, a área atende a população da cidade como espaço livre para caminhadas, trilhas dentro da Mata Atlântica de Encosta e contemplação pelos seus mirantes. Junto ao Parque Estadual, uma área desmembrada e nomeada de Parque Municipal Gruta da Onça chamou especial atenção desta pesquisa. Pela sua proximidade ao Centro da capital e acesso por uma das mais antigas ruas da cidade, hoje Rua Barão de Monjardim, se verificou a importância histórica do local e, portanto, a necessidade de explorá-lo em conjunto a área do Parque Estadual. Também a ligação geográfica de ambos é evidente o que reforça a hipótese que o municipal foi, inicialmente, o acesso para o Maciço Central. A paisagem através

da história e a dinâmica de preservação de ambas as áreas, estadual e municipal são apresentadas a seguir.

Figura 1 – Vista aérea do Parque da Fonte Grande



Fonte: PMV, 2022a

O método de pesquisa que foi utilizado é segundo Almeida, fenomenológico por ser esta qualitativa e descritiva da realidade social construída como ela é entendida. (ALMEIDA, 2020). A natureza da pesquisa é básica tendo o objetivo de gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência e, para tal, abordou os dados indutivamente, identificando os fatores que determinam os fenômenos e explicando-os.

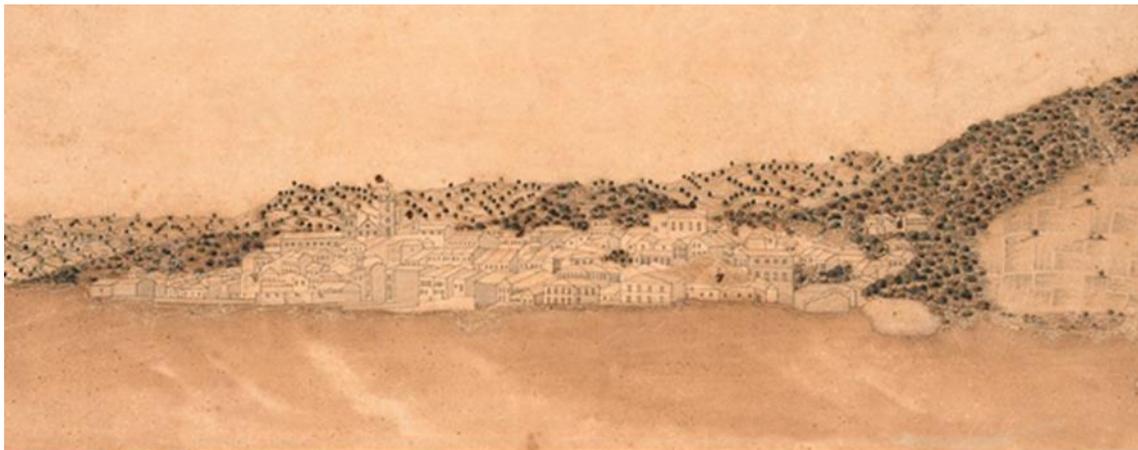
Quanto aos procedimentos técnicos foram feitas consultas em fontes secundárias (livros, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso), também foram examinados documentos municipais e federais, além as pesquisas iconográficas e cartográficas realizadas no Arquivo Municipal de Vitória e também as idas a campo com entrevistas.

2 HISTÓRICO

A presença do Parque da Fonte Grande na vida dos capixabas é mencionada desde o século XVIII, e por diversos autores. A Silhueta da Cidade de Vitória, de 1767, de autoria de José Antônio Caldas (Acervo do Arquivo Histórico do Exército) é um desenho que permite identificar as áreas alagadiças, a baía e as montanhas como elementos naturais limitadores ao crescimento da cidade. Na figura 2 se pode verificar a Vila da Victoria adentrando na área de Mata Atlântica.

Como afirma Klug a cidade possuía uma escala muito singela e delicada, onde a continuidade de altura das edificações e a relação de proximidade do parcelamento das quadras, adicionados à semelhança das casas ajudava a destacar com mais força a presença dominante do relevo (KLUG, 2009, P. 21). Vale ressaltar que na ocasião se tratava de uma vila que somente no século XIX passou ao status de cidade. “A antiga Vila de Vitória, pela Lei de 17 de março de 1823, portanto seis meses após a proclamação da independência do Brasil, foi elevada à categoria de cidade.” (ELTON, 1986, p. 9).

Figura 2 – Silhueta da Cidade de Vitória em 1767 de autoria de José Antônio Caldas



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

O relevo e a vegetação, assim como os demais acidentes naturais foram e são elementos preponderantes para o desenvolvimento da cidade e, ao mesmo tempo, conferem beleza e identidade. Em diversas vistas da paisagem o Maciço Central de faz presente. Assim descreve Klug:

A Vila de Vitória foi implantada no dorso de uma colina pouco elevada, apoiada de forma variada e cercada de vegetação. No início da ocupação era como um adorno da baía com suas matas e rochas que avançavam raízes no mar, uma espécie de anfiteatro de belas montanhas. (KLUG, 2009, p. 17).

A Perspectiva da Villa da Victoria em 1805, de Joaquim Pantaleão apresenta de forma mais ampliada que a anterior, visto que o desenho foi realizado de um ponto de vista mais distante da margem, o Maciço Central.

Figura 3 – Perspectiva da Villa da Victoria em 1805, de Joaquim Pantaleão



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Enquanto a topografia era limitante à expansão urbana, de suas montanhas se obtinha, através de nascentes, a água necessária para consumo dos habitantes da vila.

Novaes, relata a presença, em 1825, de Sir Charles Stuart, Consul Geral Inglês, em missão secreta que foi recepcionado com a hospitalidade regia dos capixabas, com a indispensável água, saudável e fresca, das grotas da Fonte Grande. (NOVAES, 1968, p. 148-151).

Saint-Hilaire, em sua viagem ao Espírito Santo, ocorrida em 1818, discorreu sobre os aspectos gerais da Villa de Victoria e se dedicou a descrever seus aspectos geográficos e hidrográficos. (SAINT-HILLAIRE, 1974, p. 91). O viajante se hospedou na fazenda Jucutuquara, na propriedade do Capitão-mor Francisco Pinto, para o qual se apresentou com carta de recomendação de maneira a obter maior apoio durante sua viagem ao Espírito Santo. Na descrição que faz da propriedade, o naturalista francês, acrescentou informações importantes para a presente história do Parque da Fonte Grande:

“A habitação de Jucutuquara, para a qual me dirigia, estava construída na localização mais agradável. Era grande, regular e erguia-se à meia encosta sobre o monte coberto de erva rasteira. Em frente à casa estende-se um vale cortado por um regato ladeado por montanhas cobertas de mato, a mais notável das quais era a que dá nome a própria habitação. Grandes rochedos estão dispersos pelo vale.” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 39-40).

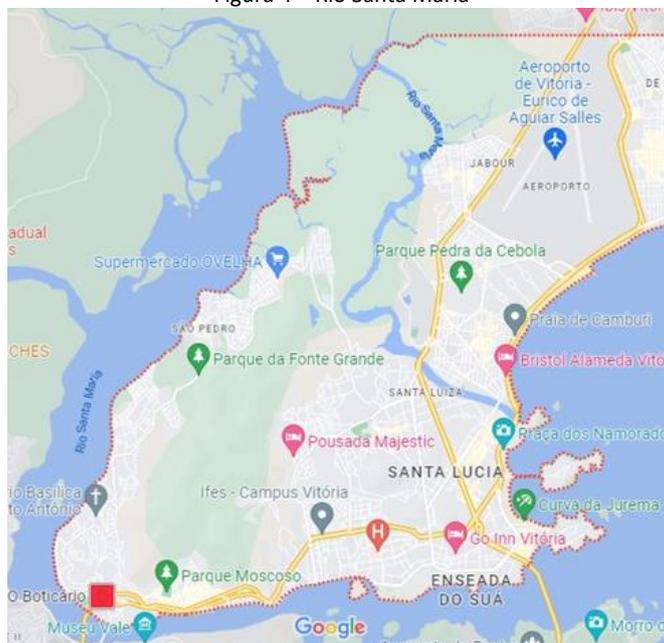
Outro viajante, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied que também esteve em Vitória no período (1816), durante a sua expedição botânica ao litoral do Espírito Santo assim se referiu a vila:

A cidade está edificada um tanto desigualmente, sobre colinas aprazíveis, e o rio, que lhe passa atrás, corre entre altas encostas, em parte rochosas e em muitos lugares nuas e cobertas de líquens. A bela superfície do grande rio e semeada de numerosas ilhas verdejantes, e a vista, onde quer que lhe siga o curso através da região, encontra sempre um pouco ameno em altaneiras e fragrantas montanhas vestidas pela mata.

” (PHILIPP, 1989, p. 142).

Ao se interpretar Wied-Neuwied, o rio que passa atrás se refere ao Rio Santa Maria, que contorna a parte insular da capital do ES e entre ilhas e mangue a destaca do continente (figura 4).

Figura 4 – Rio Santa Maria



Fonte: Google Maps, 2022.

Em relação às partes rochosas, ao centro do Maciço Central, um pico de 296 metros, Pico dos Dois Olhos, cuja forma com dois buracos faz relação aos olhos do pássaro, e que em língua indígena nomeia-se Jucutuquara é retratada através da paisagem desenhada pelo viajante.

Figura 5 – Pedra dos Dois Olhos – Jucutuquara – Maciço Central



Fonte: PHILIPP, 1989.

Monjardim destaca quatro diferentes nomenclaturas para o mesmo acidente geográfico: Pico de Jucutuquara, Pedra dos Olhos, Pico João de Leão e Frei Leopardo ou Leopardi e descreve cada uma delas (MONJARDIM, 1995, p.74). Desta forma o primeiro se justifica por estar o acidente localizado na fazenda de mesmo nome e que na língua tupi: jucu-ita-quera, significa pássaro do buraco da pedra, pela conformidade da mesma que na face leste apresenta dois orifícios. Outra crença popular vem do nome derivar da palavra, também indígena, Yticutuquara que significa conchas suspensas pela sua forma que acrescida dos referidos orifícios a nomeiam de Pedra dos Dois Olhos. Ainda o terceiro significado está relacionado a um possível exilado espanhol que ali se escondia cujo nome era João de Leão e por fim do Frade Leopardo, porque lembra um frade com capuz ou um leopardo sentado, dependendo do ponto que é avistada, também a Prefeitura Municipal de Vitória confirma esta versão.

O nome Fradinhos surgiu por volta de 1750. Na época três frades jesuítas (o francês Pierre de Bergue, o espanhol Alessandro e inglês Honeley) moravam num grotão, que hoje é conhecido como Sítio Todos os Santos. Durante o reinado de D. João I, dois frades foram repatriados pelo Marquês de Pombal, ficando apenas Honeley. (PMV, 2019b).

De acordo com Saiter o nome Fradinhos teria vindo de uma promessa:

Havia uma criança que na época era portadora de tuberculose, que foi medicada pelos jesuítas com remédio homeopático. Com a melhora, a mãe cumpriu a promessa de vesti-lo como um jesuíta. Os moradores do sítio Itaquara, hoje em dia Jucutuquara, curiosos identificaram que o fradinho morava dentro da grotá. (SAITER, 2001, p. 1).

O acidente geográfico que bem caracteriza o bairro de Fradinhos é o Pico do Frei Leopardi e para Monjardim este se projeta quase no centro da Ilha de Vitória, ao se confrontar as distâncias de seus pontos extremos. (MONJARDIM, 1995, p. 84). Até mesmo estudos recentes como o de Klug enfatizam o destaque deste elemento natural na paisagem, bastante citado pelos viajantes que estiveram visitando o litoral capixaba no século XIX, e que deve ter sua visibilidade garantida de diferentes pontos da cidade. (KLUG, 2009, p. 76).

Do Maciço Central, atualmente Parque da Fonte Grande, é possível afirmar que a Pedra dos Dois Olhos é o acidente geográfico de maior destaque e que serve de marco visual para a população na ilha, constando em mapas desde o século XIX, como O Esboço – Planta da Ilha – Victoria que o nomeia Morro do Frade.

A planta, figura 6, é o Projecto de um Novo Arrabalde, elaborado pelo engenheiro Saturnino de Brito ao cidadão Sr. Dr. J de Mello C. Moniz Freire (Presidente do Estado), acompanhada de descrição detalhada com 73 páginas.

Figura 6 – Projeto do Novo Arrabalde



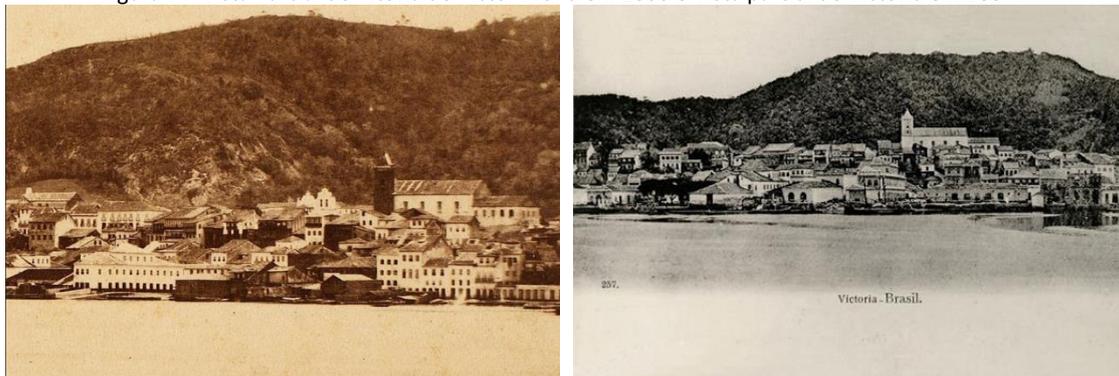
Fonte: Arquivo Público do Estado do ES, 1896.

Brito destacou na planta a condição do centro da cidade, entre o Maciço Central e o mar e projetou a área do Novo Arrabalde, hoje o bairro da Praia do Canto, para expansão da cidade. Em seu relatório descreveu em seu relatório a condição geográfica da ilha:

A capital do Espírito Santo, nessa época, não passava de um confuso aglomerado onde cerca de nove mil habitantes se espremiavam entre o mar e as montanhas, que cobrem quase quarenta por cento da superfície da ilha onde, a partir de 1551, os colonizadores se refugiaram dos ataques dos índios indomáveis que povoavam o litoral da Capitania, à medida em que sua população crescia, Vitória escalava os morros, já que sua expansão horizontal estava bloqueada por pântanos e manguezais (BRITO, 1996, p. 7).

Ainda no século XIX duas imagens de viajantes, na ocasião já com o recurso da fotografia, permitem conferir o impacto visual e a barreira física que o Maciço Central impôs à cidade. À esquerda a de Victor Frond, fotógrafo e pintor francês, que possuiu um estúdio no Rio de Janeiro entre os anos de 1858 e 1862.

Figura 7 – Vista Parcial de Vitória de Victor Frond em 1860 e Vista parcial de Victoria em 1884.



Fonte: FRANCESCHETTO, 2015 e Biblioteca da UFES

Além da cidade do Rio de Janeiro, fotografou, para o "álbum de vistas" da obra Brasil Pitoresco, fazendas do interior, Campos dos Goytacazes, São Fidélis e Salvador. Em 1860, acompanhando a viagem do naturalista e explorador suíço Johan Jacob von Tschudi, produziu registros fotográficos do Espírito Santo, tanto de Vitória como das colônias agrícolas de imigrantes. (FRANCESCHETTO, 2015).

À direita ilustra a cidade por uma imagem de 1884, que é atribuída ao alemão Albert Aust de Hamburgo, que esteve no Brasil entre fins do século XIX e início do XX captando e transformando em cartões postais imagens de várias cidades brasileiras.

O Maciço Central, também conhecido como Fonte Grande, está diretamente relacionado ao abastecimento d'água da capital. A cidade necessitava melhorar suas condições sanitárias, no entanto, o custo para a realização das obras de saneamento, abastecimento d'água e instalação de redes de esgoto implicava em vencer acidentes geográficos ou contornar grandes áreas o que as tornava incompatíveis com os recursos disponíveis. A distribuição d'água através de rede só veio a ocorrer no período republicado, logo, as fontes eram utilizadas para abastecimento das casas.

"Antes da última década do século XIX poucas e inexpressivas foram as transformações de âmbito urbanístico, a cidade convivia com características coloniais, sem infraestrutura, água, esgoto e iluminação pública." (MENDONÇA, 2009, p.43).

Algantri cita a presença de poços e cisternas, porém a utilização mais frequente de rios e chafarizes públicos. Segue a autora a relatar que cabia aos escravos à tarefa de buscar a água para banhos, lavagem de louças e roupas. (ALGANTRI, 1997, p. 103).

Neste sentido, cabe destacar que a Fonte da Capixaba, na atual Rua Barão de Monjardim, localizada aos pés de do talvegue cuja região é, nos dias atuais, o Parque Municipal da Gruta da Onça, era um dos chafarizes onde a água era obtida. Na fala de Derenzi, o fornecimento d'água se dava na fonte da Capixaba, cujo pórtico foi construído em 1828, e nas tomadas d'água da Lapa e da Fonte Grande. (DERENZI, 1995, p. 116). Para Elton (1987), o chafariz da Capixaba foi restaurado em 1938, por determinação do prefeito Américo Poli Monjardim, que mandou, inclusive, fundir duas artísticas torneiras de bronze, ali colocando-as, sendo as mesmas roubadas, logo depois. O chafariz é o único que restou, uma relíquia de Vitória.

Figura 8 – Chafariz da Capixaba – 1938 e nos dias atuais



Fonte: ELTON, 2017 e da autora, 2022.

Em 1828, Ignacio Accioli de Vasconcellos (primeiro presidente provincial do Espírito Santo), demandou ao mestre-pedreiro Francisco Pinto de Jesus, em 12 de fevereiro, a construção do Chafariz da Capixaba. Em 2 de março daquele ano, já recebia agradecimentos pela pronta feitura desta e de outras obras que ficaram entregues à sua responsabilidade, tais como as ampliações dos chafarizes da Fonte Grande e da Lapa, ambos datando do século XVIII. Somente no primeiro governo republicano do

Dr. José de Mello Carvalho Moniz Freire (1892-1896) iniciou-se a canalização das águas da Fonte Grande, para, depois, fazer-se a construção das caixas, declarando-se de utilidade pública a desapropriação das matas que circundavam os mananciais da Fonte Grande, Lapa e Capixaba. (ELTON, 1987).

3 CRIAÇÃO DOS PARQUES: ESTADUAL DA FONTE GRANDE E PARQUE MUNICIPAL DA GRUTA DA ONÇA

Um Parque, seja na esfera federal, estadual ou municipal é uma área protegida, geralmente de grande extensão e de propriedade do Estado. O objetivo geral da criação de um Parque Florestal é a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e da beleza cênica. De acordo com Esteves (2006, p. 9), no início do século XX, a ideia de criação de um movimento permanente em defesa do patrimônio natural já estava madura e, em 1913 foi criada a Comissão Internacional de Proteção à natureza.

A constituição Federal de 1934 em seu artigo 5º define que compete à União legislar sobre bens do domínio federal, riquezas do subsolo, mineração, metalurgia, águas, energia hidroelétrica, florestas, caça e pesca e a sua exploração. (BRASIL, 1934, p. 2). Na mesma lei compartilha com os Estados, em seu artigo 10º, a competência de proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico. (BRASIL, 1934, p. 4).

Três anos após a promulgação da Constituição de 1934 e antes da Constituição de 1937, é criado o Parque Nacional de Itatiaia, primeiro parque do Brasil, em junho. (BRASIL, 2022b). Já o Parque Nacional da Tijuca é que traz semelhanças ao Parque da Fonte Grande por estar inserido em uma capital litorânea brasileira. Segundo Esteves (2006, p. 22), em 1961 foi criado com o nome de Parque Nacional do Rio de Janeiro e, somente em 1967 passou a denominar-se Parque Nacional da Tijuca. Conforme com as informações constantes em seu site:

O Parque Nacional da Tijuca tem muita história: suas florestas são resultado do primeiro grande projeto de reflorestamento no Mundo, iniciado em 1861. Após a destruição quase total da floresta para produção de carvão e plantio de café, as fontes de água que abasteciam a cidade começaram a secar. Começou então um grande processo de desapropriação das fazendas de café e replantio de mais de 100 mil árvores. (BRASIL, 2022c).

No ES o único Parque Nacional é Monumento Natural dos Pontões Capixabas, também uma reserva de mata Atlântica, foi criado recentemente, 2002. A área possui 17, 49 hectares, o que representa 8% (oito por cento) da área do Parque Estadual da Fonte Grande. (BRASIL, 2022a).

3.1 Parque Estadual da Fonte Grande

Pelas imagens anteriormente apresentadas, se pode obter a noção da escala do parque em relação à cidade. O Parque da Fonte Grande recebe a influência direta das massas de ar que vêm do Oceano Atlântico, a cerca de 1 Km de distância, o que traz umidade às encostas que compõem a Área de Proteção Ambiental (APA) Maciço Central de Vitória.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Vitória existem seis nascentes no parque: Campinho, Mangueiras, Cazusa, Bambuzal, Ganda e D. Jandira e cabe ao órgão o planejamento, reflorestamento, fiscalização e Educação Ambiental, para garantir a proteção da floresta. (PMV, 2022b)

A motivação para a criação do parque foi a tragédia ocorrida em 1985:

No bairro de Tabuazeiro, especificamente na comunidade Morro do Macaco, quando 40 pessoas tiveram suas vidas ceifadas em decorrência do deslizamento de um grande bloco de rocha de mais de 150 toneladas, ocasionado pelas intensas chuvas e tendo como agravante o fato dos desmatamentos das encostas no local. (PMV, 2022b).

Logo, um dos objetivos da criação do Parque é impedir a ocupação, proteger a floresta e estabilizar as encostas do Maciço Central de Vitória, a fim de se evitar a ocorrência de tragédias.

A criação do Parque Estadual da Fonte Grande foi efetivada por meio da Lei estadual nº 3.875, 1986. Sua área pertence ao Governo do Estado do Espírito Santo, mas é administrada pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio de um convênio firmado em 1992. (PMV, 2022b).

Toda Unidade de Conservação Ambiental deve possuir o seu plano de manejo - um documento técnico mediante o qual se estabelecem a diferenciação e a intensidade de uso mediante programas de manejo e zoneamento, visando à proteção de seus atributos naturais e culturais. “Os Planos são estabelecidos pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza a partir da lei nº 9.985/2000.” (PMV, 2022c).

No Plano de Manejo está previsto o estímulo ao uso do Parque e dos seus recursos pela rede escolar, organizações civis e instituições governamentais. Desta forma, o Centro de Educação Ambiental - da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), realiza atividades, projetos e ações educativas com visitantes, escolas e comunidades do entorno do Parque da Fonte Grande, cuja a temática principal é a Mata Atlântica.

O Parque da Fonte Grande abriga o ponto culminante da Ilha de Vitória, com 308,8 metros de altitude (PMV, 2022b) e possui trilhas dentro da Mata Atlântica de Encosta. Pela observação, com a ferramenta de aproximação do *Google Maps*, é possível verificar a existência da Estrada Tião Sá que corta grande parte do Parque a partir da Portaria 1, localizada na Rodovia Serafim Derenzi. A ida a campo desta pesquisa, ocorrida em 2020, foi via automóvel percorrendo a referida estrada.

À nordeste do parque se verifica a presença da Lagoa de Mulembá, no Vale do Mulembá onde se localiza a Pedreira Joana D’Arc que dá nome ao bairro e, da Estrada Tião Sá, se tem acesso a quatro mirantes: Mochuara, Mirantinho, Mirante e Mirante da Torre.

Figura 9: Mirante Sumaré



Fonte: PMV, 2022b

Junto à Portaria 2, da Rua João Ferreira de Souza, no bairro de Fradinhos, se aproxima do Mirante Recanto da Floresta junto à nascente do Rio Fradinhos e a Bica de Fradinhos. Fica nesta área a Pedra dos Dois Olhos de Jucutuquara. “Na trilha do Caracol é possível conhecer uma das nascentes do Córrego Fradinhos e no Mirante da Cidade o destaque fica para a foz dos Rios: Santa Maria da Vitória, Aribiri e as comunidades abaixo da Floresta nas encostas do Maciço Central de Vitória.” (PMV, 2022b).

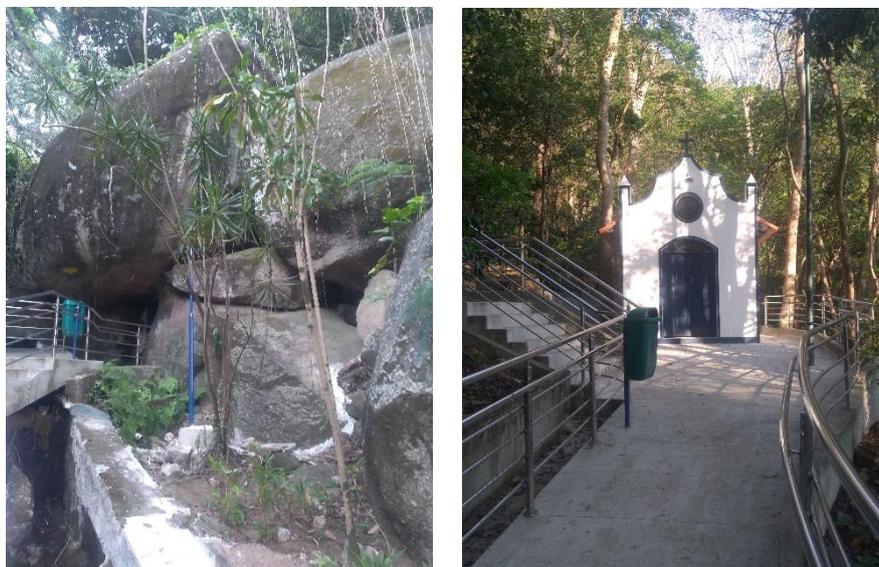
Ao sul do ponto culminante, encontram-se: o Abrigo Natural do Ipê Felpudo, a Escadaria de Pedras próxima à Pedra do Urubu, o Mirante do Sumaré no bairro da Piedade (figura 9) e o do Morro do Romão. “No Mirante do Sumaré a interpretação da paisagem destaca a ocupação do território e a foz dos rios Bubu, Itanguá, Marinho e Jucu.” (PMV, 2022b).

3.2 Parque Municipal Gruta da Onça

O parque foi criado em 1988 e reinaugurado em 1996. (PMV, 2022b). Diferentemente do Parque Estadual, mas fazendo parte da mesma região, o compreende como desmembramento do anterior. Conforme a PMV (2022b), apresenta área de 6,90 hectares, o que representa 3,16% do Parque da Fonte Grande, logo, pode ser percorrido numa só visita.

Para melhor descrevê-lo, o acesso ao Parque se dá por uma das ruas mais antigas da cidade, a Rua Barão de Monjardim. Para Elton (1986, p. 87) a rua foi antes nomeada de Rua São João ou Rua das Pedreiras. O segundo nome faz referência à pedreira na encosta do maciço onde se localiza a Gruta da Onça. Também é citado na documentação do Fundo da Câmara Municipal (PMV, 1862) o nome de Rua da Capelinha. Este faz referência à capela que se encontra no Parque.

Figura 10: Gruta da Onça e Capelinha



Fonte: da autora, 2022.

Na visita, realizada no corrente ano, observou-se que o parque é para ser percorrido a pé, com tranquilidade, através de escadas que dão acesso à Gruta da Onça, ao Mirante da Igreja e da Mata. No entanto, as trilhas entre nascentes e riachos já ocorrem há muitos anos. Em entrevista a esta pesquisadora, Oliveira (2022) contou a história do índio que ao se deparar

com a onça, na gruta de pedra, logo no início da subida, fugiu correndo e atravessou a baía de Vitória a nado indo se esconder no Morro do Penedo, em Vila Velha.

Pela informação contida no folder do Parque, a onça pintada, predador do topo da cadeia alimentar é um animal em extinção no Estado do ES e já existiu na Ilha de Vitória, segundo o relato do padre André Martins, em 1623. (PMV, 2019a). O folder acrescenta a descrição da lenda, no entanto, nele o índio teria visto o reflexo da onça na água ao beber a água no lago formado sob a gruta, fugindo em seguida, apavorado, se atirando nas águas do canal.

Figura 11: O majestoso Penedo visto dos caminhos do Orquidário Barbosa Rodrigues



Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória, 1943.

De fato, a gruta, já nomeada por Gruta da Lacaia, está abrigada por uma grande pedra, localizada junto à entrada do parque e sobre a qual o artista húngaro Solon Borges Marques construiu um monumento agigantado em homenagem à Onça Pintada, em 1966. (PMV, 2019a).

Antes do artista húngaro, o botânico norueguês, Finn Kudsén, em 1943, esteve no local onde hoje é o Parque da Onça Pintada. (MALAQUIAS, 2022).

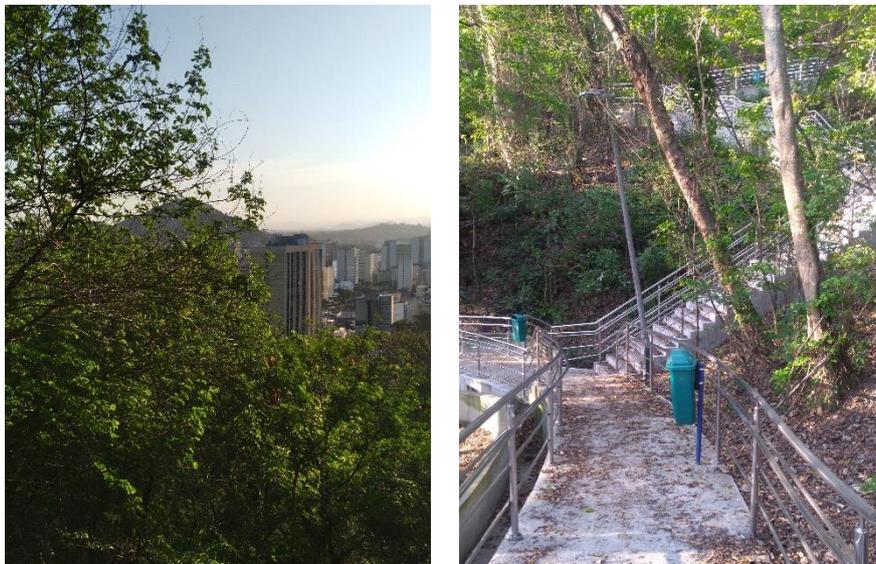
De acordo com Medeiros (2016, p. 27) Finn Kudsén criou o Parque Orquidário Barbosa Rodrigues, nas terras do Barão de Monjardim, entre rochas e árvores das matas. A PMV, em 1944, o comprou com finalidade promover a melhoria do local e ampliar o orquidário municipal. Conforme Malaquias (2022) as orquídeas foram transferidas para o orquidário no Parque Moscoso, mas não existem mais, nem na área do Parque da Gruta da Onça e nem no Parque Moscoso.

No Parque, com ao som do canto dos pássaros, em companhia de mamíferos, como coelhos e macacos, e de répteis, a exemplo dos calangos e lagartos, os visitantes fazem suas caminhadas e trilhas. Os caminhos são íngremes e a PMV está realizando obras de melhoramentos nas escadas, com aplicação de novo piso, guarda-corpos de aço inox (como o da Fonte Grande) e inclusão de lixeiras. A obra iniciada em 2020, com previsão de conclusão em 365 dias, previu também a contenção de encostas, desta forma percorre-se com mais segurança as trilhas que levam ao Poço Azul, ao Muro de Arrimo e ao Caminho das Pedras. Segundo a Prefeitura Municipal de Vitória uma parada obrigatória é o Mirante da Pedra da Raposa, que oferece visões inesquecíveis da baía, do Penedo e do porto. (PMV, 2022b).

A obra também incluiu a construção do Centro de Informações, este incrustado na Mata Atlântica, junto ao Poço dos Escravos, que contém: banheiros acessíveis (no semienterrado); hall, pequeno auditório, banheiros e secretaria (no térreo) e salas de

administração (no segundo pavimento). De forma complementar, e mantendo o compromisso com a Comunidade do Forte São João, a prefeitura melhorou um dos acessos da mesma que se dá por dentro da área do Parque. O local ainda se encontra em obras e, portanto, sem controle de portaria, assim, acredita-se que o acesso à comunidade do Forte São João pela área do Parque ficará restrito ao seu horário de funcionamento (das 8:00 às 16:40).

Figura 12: Vista do Mirante da Pedra da Raposa e escadaria de acesso à Comunidade do Forte São João



Fonte: da autora, 2022.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho estuda os Parques por aproximadamente 470 anos, o que se apresenta registrado no decorrer da história da vila, e posteriormente cidade, em suas descrições e seus desenhos de perfis, mapas, plantas e fotografias.

A preservação do Maciço Central é tratada ao longo do tempo com admiração pela sua beleza na paisagem e, ao mesmo tempo, cuidado por dele ter emanado a água necessária para vida dos capixabas e seus visitantes. A história mostrou a dificuldade que a forma do mesmo atribuiu ao desenvolvimento do município, da implantação da malha urbana à disposição dos serviços de infraestrutura.

A criação dos Parques Nacionais também tomou lugar na pesquisa revelando as ações iniciais dadas pela Constituição de 1934, a criação do primeiro Parque Nacional, o de Itatiaia, e à similaridade do Parque da Fonte Grande ao Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, a ocupação das encostas da Fonte Grande causou o desastre de deslizamento que motivou a criação do Parque Estadual. A perda de vidas por fim acabou despertando no Governo Estadual e Municipal especial atenção com o Maciço. Desta forma, o texto também cita, a partir de então, as ações de educação ambiental e monitoramento.

Ambos os Parques são preservados em suas áreas de Mata Atlântica e ao mesmo tempo conservados para visitação segura em suas trilhas, escadarias e mirantes. As constantes obras dão conta de qualificar os espaços tornando-os excelentes opções de lazer na cidade. Ambos também contam com ações de educação ambiental, com programas específicos para às escolas que formarão cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Os Parques da Fonte Grande e da Gruta da Onça são riquezas naturais a cargo da

Prefeitura de Vitória. O primeiro é um dos maiores orgulhos para os capixabas, presente nos discursos e destinos de visitação, visto que de seus mirantes vislumbra-se a capital e seus acidentes geográficos. No segundo se tem a proximidade ao Centro Histórico e sua lenda. Em ambos está plantada a responsabilidade de preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e de beleza cênica.

5 REFERÊNCIAS

ALGANTRI, Leila Mezan. **Famílias e Vida doméstica**. In: SOUZA, Laura de Mello e. História da Vida Provada no Brasil: Cotidiano e Vida Provada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRASIL. **Constituição de 1934**. – Rio de Janeiro, Brasil, 1934.

BRASIL - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - **Mona dos Pontões Capixabas**. 2022a. Disponível em: <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/mona-dos-pontoes-capixabas>>. Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - **O parque nacional do Itatiaia**. 2022b. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/>>. Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - **Parque nacional da Tijuca**. 2022c. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/guia-do-visitante.html>>. Acesso em: 16 out. 2022.

BRITO, Saturnino de. **Projecto de um Novo Arrabalde. Fac. Smile de: Vitória, Comissão de Melhoramentos da Capital, 1896**. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil e Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1996.

DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma Ilha**. Rio de Janeiro: Pangetii, 1965.

ELTON, Elmo. **Logradouros Antigos de Vitória**. Vitória: Edufes e Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

ELTON, Elmo. **Velhos Templos de Vitória & Outros temas capixabas**. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987.

ESTEVES, Caio Marcio Proetti. **Evolução da criação dos Parques Nacionais no Brasil**. TCC, Instituto de Florestas / UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil, 2006.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Victor Frond - 1860: uma aventura fotográfica pelo itinerário de D. Pedro II na Província do Espírito Santo**. Vitória: IHGES, 2015.

KLUG, Letícia Beccalli. **Vitória: Sítio Físico e Paisagem**. Vitória: EDUFES, 2009.

MALAQUIAS, Vadilson. **Orquidário de Vitória**. Entrevista concedida a autora. Vitória, 2022.

MEDEIROS, Marcela de Souza. **Percepções dos Moradores no Entorno do Parque Natural Municipal da Pedra da Onça, Vitória, E.S.** TCC, Departamento de Ciências Florestais e da Madeira / UFES, Vitória, ES, Brasil, 2016.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Cidade Prospectiva: o Projeto Saturnino de Brito para Vitória**. São Paulo: Annablume, 2009.

MONJARDIM, Adelpho Poli. **Vitória física: geografia, história e geologia**. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1968.

OLIVEIRA, Adilson Gomes de. **História da Gruta da Onça**. Entrevista concedida a autora. Vitória, 2022.

PHILIPP, Maximilian Alexander. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Mapa prefeitura de Vitória**. 2022a. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/mapa.php?tipo=3&geo=14&layer=50>> Acesso em 12 out 2022

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Monumento à Onça Pintada**. 2019a. Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), Vitória, ES. 2019. 1 folder

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Fundo da Câmara Municipal**. 1862.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Parques**. 2022b. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/cidade/parques>> Acesso em 12 out 2022

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Semmam faz avaliação do plano de manejo do Parque da Fonte Grande**. 2022c. Disponível em: < <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/semmam-faz-avaliacao-do-plano-de-manejo-do-parque-da-fonte-grande-34509>>. Acesso em 16 out 2022.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. **Vitória em dados – Fradinhos**. 2019b. Disponível em: < <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/fradinhos.asp> > Acesso em: 20 dez. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. São Paulo: Itatiaia, 1974.

SAITER, Anna. **Fradinhos**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.